
Figurações de Camões na literatura de cordel: *trickster, pícaro*

Depictions of Camões in cordel literature: trickster, rascal

Matheus de Brito

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

DOI:

<https://doi.org/10.37508/rcl.2025.nEsp.a1416>

RESUMO

Este artigo divide-se em duas partes. Numa primeira, pretendo comentar a figuração camoniana assimilada à cultura popular nordestina por meio da literatura de cordel, a que me refiro como “Camões assimilado”, nomeadamente assimilado à figura de outros pícaros ou *tricksters*, em especial João Grilo (ou João Ratão, em Portugal). Na segunda parte, vou especificar uma inflexão biográfica perceptível nas imagens e textos, a qual se deu com o desenvolvimento de Camões enquanto personagem da cultura popular, tratando-se, assim, da produção voltada não para o Camões-Grilo, mas de algum modo preocupada com o Camões histórico. Aqui serão noções importantes as de “assimilação”, “referência” e “especificidade”.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura popular; Historiografia literária; Estudos camonianos.

ABSTRACT

This article is divided into two parts. In the first part, I intend to comment on the Camonian figuration as it was assimilated into popular culture in the Brazilian Northeast through cordel literature, which I refer to as an “assimilated Camões”, namely assimilated into the figure of other rascals or *tricksters*, especially João Grilo (or João Ratão, in Portugal). In the second part, I will specify a biographical inflection perceptible in the

images and texts, which occurred with the development of Camões as a character in popular culture, thus dealing with production focused not on Camões-Grilo, but somehow concerned with the historical Camões. Here, important notions will be those of “assimilation”, “reference”, and “specificity”.

KEYWORDS: Popular culture; Literary Historiography; Camonian Studies.

CAMÕES ASSIMILADO

Para entender as imagens de Camões na literatura de cordel, talvez seja interessante abordar certos aspectos materiais e genológicos dessa produção como um todo. Poderíamos começar considerando uma nota de José Oliveira Barata, que no verbete “Cordel”, no primeiro volume da enciclopédia Biblos, assinala que “[a] variedade de títulos esconde uma ‘real monotonia temática’” (Barata, 2002, p. 1284) do cordel. Barata entende que essa seria uma das razões para seu lugar pouco importante entre os estudos literários. Embora se refira ao contexto ibérico dos séculos XVII a XVIII, essa asserção parece também válida no que diz respeito à produção brasileira do século XX, e é válida ainda quando consideramos a perspectiva de estudar o cordel “como um todo”. À luz da estética da criação que se institui no século XIX junto ao conceito de Literatura, trata-se de uma produção que se diria altamente formular. Ao mesmo tempo, o fenômeno que quero visualizar aqui indica um processo muito particular, atinente à relação entre a presumida oralidade e o esteio popular associados ao cordel, por um lado, e a chamada literatura erudita ou alta literatura, por outro.

Como outras manifestações populares, a via de acesso mais importante para pensar essa produção diz respeito aos *motivos* enquanto relação temática com a tradição a que os textos se vinculam. Os

“títulos” dos cordéis não funcionam segundo o mesmo regime de nomes dados a poemas ou obras, como “Elegia múltipla”, em *A colher na boca*, de Heriberto Helder, ou *A ronda da noite*, de Agustina Bessa-Luís. Títulos alusivos alargam o espaço interpretativo do leitor. O horizonte de expectativa que as obras populares – e muitas de massa – configuram é mais preciso, remetem o leitor a algo já conhecido. Essa é a razão para os títulos esquemáticos que veremos: “o encontro”, “as perguntas e as respostas”, “astúcias” etc. Quero com isso introduzir o primeiro exemplo de Camões na literatura de cordel, e que me parece ser também o mais importante.

Figura 1 – As perguntas do Rei e as respostas de Camões.



Fonte: Oliveira (2018 [19--]).

Em *As perguntas do Rei e as respostas de Camões* (Fig.1, Cordeloteca C2298)¹, publicado sem data, de autoria de Cirilo de Oliveira, um cor-

¹ A referência é à Cordeloteca do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, disponível em <<http://cnfcp.gov.br>>, em que a obra se encontra catalogada com o código C2298. Adotou-se este modelo de referências (figura-acervo-código) ao longo do texto. Uma lista completa das obras de cordel consultadas ou referidas neste trabalho pode ser encontrada ao fim do texto, na seção “Lista de folhetos

delista morto em 1953, Camões é apresentado como sábio e profeta. O argumento é simples: um belo dia o rei, ouvindo das capacidades de Camões, resolveu pô-las à prova através de trinta adivinhações e desafios. Em jogo estava a própria vida de Camões, sem que haja uma razão para isso – além, é claro, da irracionalidade no cerne do poder². A primeira dessas situações é um lugar-comum humorístico que assinala essa capacidade:

O rei disse a Camões:
‘Tu és menino novo.
Vou fazer-te uma pergunta
Aqui perante o povo.
Qual é bom da galinha?’
Camões respondeu: ‘o ovo’.

Com um ano e quatro meses
Num dia de carnaval
O rei encontrou Camões
E perguntou: ‘afinal,
Camões, me diga com o quê’.
Ele respondeu: “com sal”.

(Oliveira, [190--a], p. 3)³

nos acervos”, organizada pela ordem com que aqui são expostas. Pelo que entendemos, a lista deve fundamentalmente exaurir toda a produção de cordéis voltados à figura do poeta até a data presente.

² Na I Jornada “Camões: Imago Poetae”, organizada pelo Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, ocasião em que apresentamos este texto em formato de comunicação, a intervenção de Milton Dias Pacheco, historiador da arte e membro do Centro, lembrou-nos de que a figuração do Rei como déspota pode estar relacionada à propaganda republicana do fim do século XIX brasileiro.

³ A grafia foi atualizada.

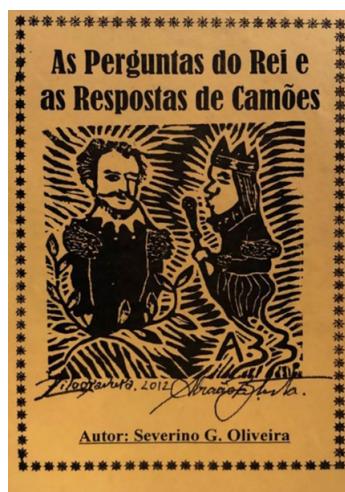
Os demais desafios são estereotipados. Consistem sempre no Rei à procura de modos de dificultar a vida de Camões, relativamente aos quais Camões sempre se desenrasca. Nesse texto, como em muitos outros, não há nenhuma indicação específica da relação entre o personagem e a figura histórica de Camões. Ao contrário, por seu conflito básico com a autoridade, verificaremos a assimilação de Camões a personagens da cultura popular de origem ibérica como João Grilo (ou João Ratão), também chamado de João Desassombrado ou Desmantelado, e Pedro Malasartes. Há um único conteúdo semântico implícito que mantém uma relação com a história, o de que Camões foi alguém que viveu no tempo em que havia um rei.

Essa inespecificidade indica outra questão: a relação difícil entre as imagens das primeiras obras e o nosso objeto, que são as representações visuais do poeta Luís de Camões. Muitos folhetos não trazem motivos visuais quaisquer que indiquem o poeta através de índices biográficos ou histórico-culturais – nomeadamente o olho ferido, a gorgeira, a barba e o laurel. Isso é comum sobretudo para os folhetos que parecem mais antigos. Lanço aqui a hipótese de que *As perguntas do rei e as respostas de Camões* seja o primeiro de uma série de cordéis que fazem de Camões um personagem de tipo *trickster* em virtude de dois fatores: a) a força com que se apresenta como modelo para outras obras; e b) a variedade de versões que se podem encontrar do mesmo folheto, que são pelo menos cinco no acervo digital do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. No Acervo de Obras Raras da Universidade do Estado da Paraíba, que não dispõe de recursos digitais, foram dez as tiragens indicadas. A essas dez devemos somar outras duas, pelo menos.

Figura 2 – As perguntas do Rei e as respostas de Camões.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

Numa edição possivelmente da primeira década de 2000 e impressa (Fig. 2), como podemos ver, os motivos que compõem visualmente a representação a partir daqueles índices já aparecem – como também numa edição de 2012, com a xilogravura de Abraão Batista (Fig. 3), faltando a ambas, porém, o laurel. O autor, segundo indica uma única fonte – o verso de uma reedição recente –, Severino Gonçalves Oliveira, também conhecido por Cirilo, teria vivido entre 1908 e 1953, sendo, desse modo, um dos mais antigos do meu levantamento.

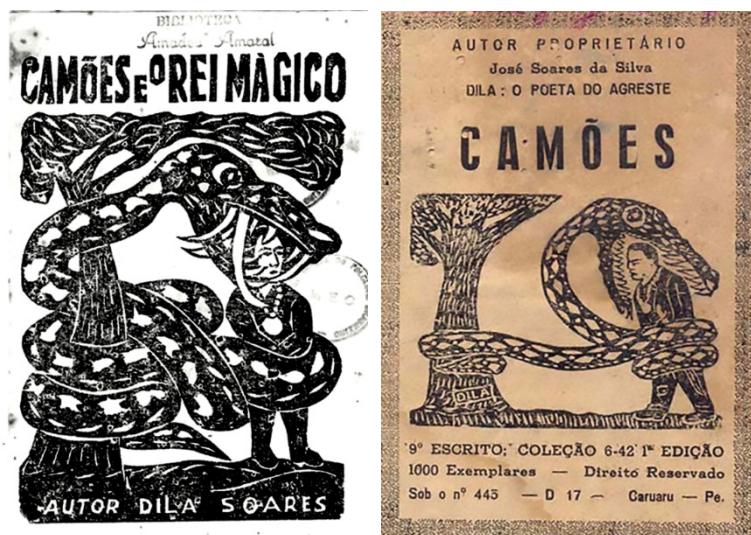
Figura 3 – As perguntas do Rei e as respostas de Camões.

Fonte: Oliveira (2024 [2012]).

A partir desse exemplo, podemos estabelecer também uma categoria para pensar as figurações camonianas no cordel, conforme ofereçam uma relação com a iconografia do poeta (olho ferido ou tapa-olho, trajes de época, gorgeira, barba e laurel).

Como se pode notar, numa edição mais recente, também a figura do Rei está caracterizada como tal, ao passo que nas anteriores a estampa exigia algum grau de interpretação sobre as imagens para que se compreendessem os papéis dos personagens nela. Presumimos que o Rei da primeira edição (Fig. 1), sendo autoridade, é aquele que aparece com cartola e charuto, com um dedo em riste e bigodes – nada que componha a indumentária régia no imaginário popular. Do outro lado, um imberbe “Camões” (e eu emprego aspas aqui) reage risonho. Essa é a primeira categoria de figuras: aquelas que, de modo análogo ao esquematismo dos títulos, não constituem a especificidade do personagem por referência ao Camões histórico. São assim, *referencialmente inespecíficas*, as representações nos folhetos seguintes:

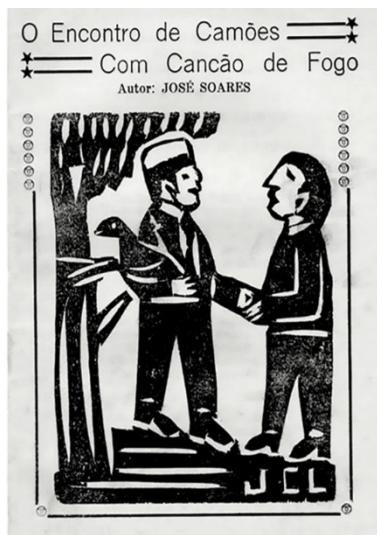
Figuras 4 e 5 – Camões e o Rei Mágico e Camões.



Fonte: Soares ([19--b], [19--a]).

As xilogravuras que estampam *Camões e o Rei Mágico* (Fig. 4, Cordelteca Coo94) e *Camões* (Fig. 5, Ciberteca 5898), de Dila Soares, trazem a situação em que o rei, com ciúmes da rainha, transforma-se numa serpente que abocanha o personagem.

Figura 6 – O encontro de Camões com o Cancão de Fogo.

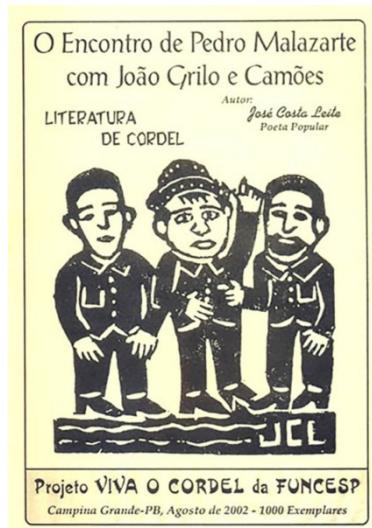


Fonte: Soares ([19--c]).

Em *O encontro de Camões com o Cancão de Fogo* (Fig. 6, Cordelteca C2512), de Dila Soares, desenvolve-se o tema “ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão”⁴. O motivo do pássaro na xilogravura é o que diferencia Cancão de Camões.

⁴ O texto retoma *O encontro de João Grilo com o Cancão de Fogo*, modelo também aplicado a *O desafio de Camões com Bocage*, de João Batista Serra (Recife - PE: 2007), listado no Acervo de Obras Raras da Biblioteca da Universidade Estadual da Paraíba com o código MS0242. Em *O encontro de Camões com o Cancão de Fogo*, faz-se menção às *Astúcias de Camões*, título de cordel de Arlindo Pinto de Sousa, de 1950. O autor é de uma geração posterior à de Arlindo e, embora não tenha encontrado uma data, é de acreditar-se que seja posterior a 1950.

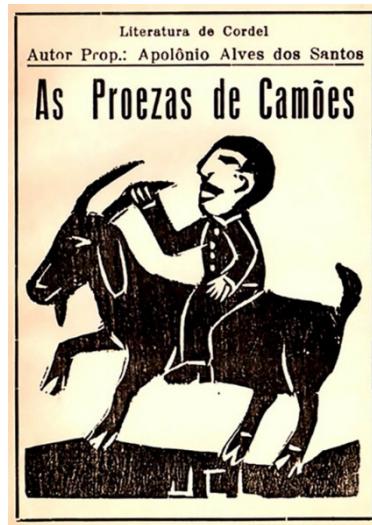
Figura 7 – O encontro de Pedro Malazarte com João Grilo e Camões.



Fonte: Leite (2002).

Em *O Encontro de Pedro Malazarte com João Grilo e Camões* (Fig. 7, Ciberteca 8095), de José Costa Leite, datado de 2002, a xilogravura traz indiferenciados os pícaros que se reúnem.

Figura 8 – As proezas de Camões.



Fonte: Santos (2011 [19--]).

Em *As proezas de Camões* (Fig. 8, Acervo de obras raras da UEPB, AA7037), de Apolônio Alves dos Santos, o motivo da xilogravura remete à narrativa segundo a qual Camões, desafiado pelo rei a chegar numa festa nem descalço nem calçado, teria montado um bode.

Figura 9 – *O casamento de Camões com a filha do Rei.*

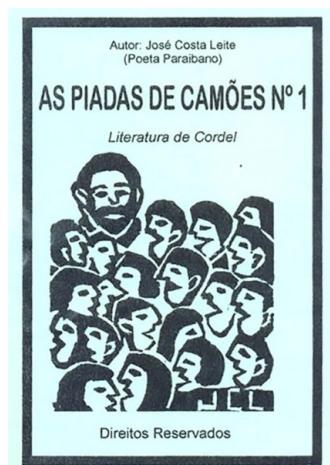


Direitos Autorais Reservados

Fonte: Leite (1981).

A xilogravura de *O casamento de Camões com a filha do Rei* (Fig. 9, Cordeloteca C2163), de José Costa Leite, publicado em 1981, lembra uma cena hollywoodiana.

Figura 10 – *As piadas de Camões.*



Fonte: Leite ([200-]).

Em *As piadas de Camões* (Fig. 10, Ciberteca 8226), de José Costa Leite, o único elemento particularizante seria ainda genérico, nomeadamente a barba. Entendemos que Camões é aquela cabeça que se eleva acima da massa – provavelmente seu público – de rosto caracterizado com barba.

Figura 11 – Camões e o rei.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Em *Camões e o rei* (Fig. 11), de Geraldo de Alencar, publicado em 2003, quatro motivos iconográficos são relevantes na xilogravura: a viola e as alpargatas, representando o cantador do sertão, ou seja, Camões, e o manto régio e a coroa, indicando o rei.

Figura 12 – As palhaçadas de Camões botando chifre no rei.

Fonte: Leite ([19--]).

Também podemos ver uma representação inespecífica, mas já aproximada no desenho de capa de *As palhaçadas de Camões botando chifre no rei* (Fig. 12, Cordelteca C2849), também de José Costa Leite. No texto, Camões é apresentado como “um português / De muita imaginação / [que] Era poeta e filósofo” (Leite, [19--], p. 2), mas o cordel segue uma narrativa fantasiosa, que constrói Camões como grande espertalhão.

Figura 13 – A volta de Camões e novas perguntas do Rei.

**A VOLTA DE CAMÕES
E NOVAS PERGUNTAS
DO REI**
AUTOR: LUIZ ALVES DA SILVA



Fonte: Silva (2006 [200-]).

A volta de Camões e novas perguntas do Rei, de Luiz Alves da Silva, possui pelo menos duas edições, ambas com capas desenhadas. A primeira que aqui vemos (Fig. 13) é também genérica, mas traz mais elementos folclóricos particularizantes associados à indumentária da aristocracia, embora a moda seja mais claramente aquela do século XVII francês ou XVIII. Numa edição que parece ser subsequente, mas que é divulgada como a primeira, de 2007 (Fig. 14, Cordelteca C5356,), nós temos uma representação mais completa: observam-se na caricatura os já mencionados olho ferido, barba e laurel, bem como a indumentária do século XVI ibérico, consagrada, por exemplo, no retrato que Fernão Gomes faz do poeta.

Figura 14 – *A volta de Camões e novas perguntas do Rei*.



Fonte: Silva (2007).

Assim, a partir desse conjunto, podemos fazer duas observações. Primeiramente, da perspectiva da materialidade da comunicação, poder-se-ia lançar a hipótese de que a inespecificidade visual das imagens xilogravadas se atrela à possibilidade de reuso das estampas, coisa que não se pôde rigorosamente verificar no levantamento feito, uma vez circunscrito aos títulos associados a Camões. Em segundo lugar, de uma perspectiva literária, o processo que assistimos

é a transposição do nome Camões para o conjunto das figuras do tipo *trickster*, como é o caso tematizado no folheto de cordel que narra seu encontro com Pedro Malasartes e João Grilo. Essa *tricksterização* de Camões associa-se à desreferencialização histórica ou dessemantização cultural do seu nome.

Ou seja, muito mais do que o poeta português autor de *Os Lusíadas*, o que interessa é o *trickster*, o pícaro. É o que comenta Gilberto Mendonça Teles (1979, p. 299):

na verdade, o nome Camões possui no Brasil inteiro, não só no Nordeste, uma dimensão bem maior do que a que se vê na literatura. O termo Camões transcende os limites da pura erudição literária e universitária para repercutir na imaginação popular como algo mítico (um camonema), como um dos tais arquétipos que sobrevivem no ‘inconsciente coletivo’, dando ao povo a imagem de um ser ultra-inteligente, capaz de vencer os poderosos e beneficiar os pobres ou, apenas, capaz de satisfazê-los pelo simples fato de enganar o ‘rei’, de lesar o comerciante ou, como se diz, capaz de passar a perna em qualquer elemento detentor do poder real ou temporal.

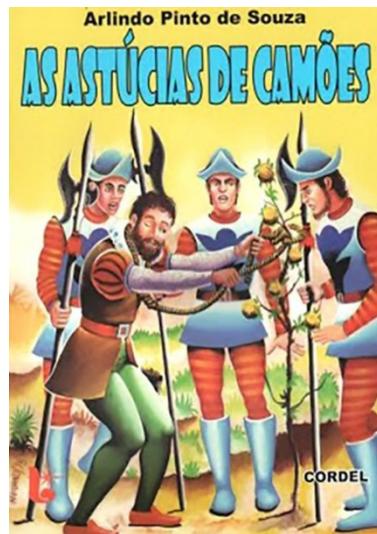
Mas por que um Camões pícaro? Ora, isso talvez se deva ao lugar de Camões entre as classes escolarizadas, isto é, alguns poucos no contexto de baixos índices de alfabetização como o era o interior do Nordeste na primeira metade do século XX. Os poetas populares, cordelistas e repentistas, não eram completamente iletrados, mas também em geral não tiveram educação formal, com frequência não completavam os estudos senão até o 4º ano. Um Camões pícaro constitui, assim, um compromisso entre dois contextos culturais: o popular e o erudito. A mesma coisa acontece a Bocage, aliás, que num folheto de 1958 faz as vezes do piadista, *Piadas do Bocage* (de Antônio Teodoro dos Santos), e em 1978 aparece numa *Disputa de Bocage com um padre* (de Manoel d’Almeida Filho). É importante

reservarmos esses exemplos, cuja capa aqui pouco importa, para logo mais.

CAMÕES BIOGRAFADO?

No segundo conjunto de capas, já observamos uma referencialidade histórico-cultural específica, talvez resposta àquela dessemantização. Nesse conjunto, devemos separar aqueles que já vimos: *As perguntas do Rei e as respostas de Camões* e *A volta de Camões e novas perguntas do Rei*. Por sua história de publicação, nesses textos espera-se já uma discrepância entre a ancoragem referencial dos motivos visuais e a construção do personagem. Também assim com os que veremos a seguir, embora nem sempre. Vejamos:

Figura 15 – *As astúcias de Camões*.



Fonte: Souza (1950).

As astúcias de Camões (Fig. 15, Cordeloteca C1546), de Arlindo Pinto de Souza, é publicado em 1950 com capa com policromia⁵.

⁵ No texto, o autor refere-se às astúcias de Bocage, já por ele cantadas.

Figura 16 – *O grande debate de Camões com um sábio.*



Fonte: Souza (1979).

O grande debate de Camões com um sábio (Cordeloteca C2626, Fig. 16), também de Arlindo Pinto de Souza, é publicado em 1979, com desenho a cores. Nesse, o personagem é apresentado como poeta; a situação estabelece uma continuidade⁶ com a narrativa popularizada: o rei, cansado de pregar peças em Camões, coloca-o num debate com um sábio que visitava a corte.

⁶ Exemplo de continuidade a cuja capa não tive acesso é o folheto *O filho de Camões*, de José Soares, listado com o código AA2775 na seção de Obras Raras da Biblioteca da Universidade do Estado da Paraíba. O texto está disponível no Acervo de Literatura de Cordel da Fundação Casa de Rui Barbosa com o código LC4349, disponível em <<https://app.docvirt.com/cordelfcrb/pageid/25811>>.

Figura 17 – *O debate de Camões com São Saruê.*



Fonte: Acervo pessoal do autor.

O debate de Camões com São Saruê (Fig. 17, Ciberteca 8050), José Costa Leite, foi publicado nos anos 2000, com capa em xilogravura. Nessa obra, a expressão “País de São Saruê” atualiza a lendária Coca-nha medieval⁷.

Figura 18 – *O grande encontro de Camões com Salomão.*



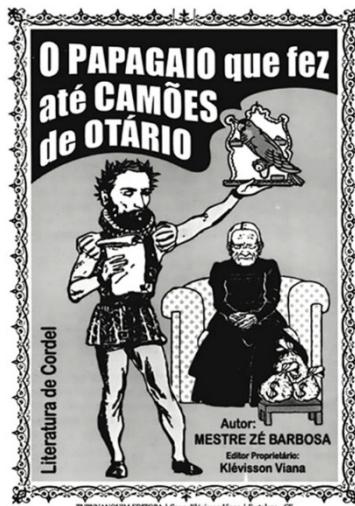
Fonte: Acervo pessoal do autor.

⁷ Não pude consultar a obra. A expressão é de algum uso folclórico, mas é difícil dizer em que consiste precisamente essa personagem “São Saruê” destacada da expressão “país de”. A hipótese mais conveniente é de que se trate de uma variação do tema “debate com sábio”.

Em *O grande encontro de Camões com Salomão* (Fig. 18, Cordelteca C5265), de Rouxinol do Rinaré e Serra Azul (2002), o texto desenvolve o personagem como “português” e “zarolho”, caolho. Fundamentalmente, trata-se de uma revisitação daquele com que iniciamos nossa apresentação, mas acontece outro processo característico aqui: o rei bíblico Salomão também não é simples preenchimento da figura inespecífica “o Rei”, sendo antes o recurso a outro personagem⁸ com bom valor para a dinâmica de tipificação do cordel enquanto tradição.

Note-se também que as duas xilogravuras precedentes trazem o mesmo motivo, do poeta com o dedo indicador nas têmperas.

Figura 19 – O papagaio que fez até Camões de otário.



Fonte: Barbosa (2008).

⁸ Pela leitura do folheto de Rouxinol do Rinaré e Serra Azul, podemos entender que ele provavelmente reelabora *O encontro de Rui-Barbosa com o Rei-Salomão do outro lado da vida*, para o qual não encontrei data de publicação, mas de autoria de Gonçalo Gonçalves Bezerra (Gongon), nascido em 1939 e morto em 2001.

Por fim, *O papagaio que fez até Camões de otário* (Fig. 19, Cordeloteca C6790), de Mestre Zé Barbosa. O protagonista aqui é um papagaio treinado, cuja inteligência fez com que o rei de Portugal e Camões viessem à sua procura, para apresentar-lhe adivinhações – perceba-se a inversão do lugar-comum que se construiu.

Os sintagmas todos trazem a marca da estereotipia. No conjunto de cordéis, as situações “debate”, “encontro”, “pergunta e resposta” são frequentíssimas; o rei, a princesa, o sábio são personagens-típos da cultura popular. Daquela assimilação, no entanto, temos ainda produções que trazem discrepança entre os motivos visuais e a construção do personagem.

Pelo que vimos até agora, esse segundo conjunto de cordéis pode ser subdividido em dois: a) o dos folhetos cuja relação entre elementos visuais e literários permanece discrepante, que são a maioria; b) o dos folhetos cuja relação entre visual e verbal se justifica de algum modo. Os exemplos seguintes são todos justificados:

Figura 20 – Luís de Camões na terra de Pindorama.



Fonte: Melo (2004)

Luís de Camões na terra de Pindorama (Fig. 20, Cordelteca C4338), de João Batista Melo, publicado em 2004 com capa em desenho, converte o motivo do laurel num cocar indígena. O poema começa com o Camões da cultura popular – “garanhão”, “aventureiro” e “trapalhão” – e segue com uma narrativa biográfica, em meio à qual faz uma crítica do colonialismo d’*Os Lusíadas*, e descreve o “Parnaso” (mencionado por Diogo do Couto no capítulo 28 da *Década Oitava da Ásia*) como uma denúncia da “chacina e terror” perpetrado pelos portugueses. Numa segunda parte, narra como “Pindorama”, o paradisíaco Brasil dos índios, logo seria invadido e, numa terceira, situa Camões naquele paraíso terrestre. É aí que, desde a perspectiva de suas experiências positivas, o Parnaso de Camões é apresentado como a reescrita d’*Os Lusíadas*. Quase pela conclusão, o autor reescreve duas oitavas, invertendo as iniciais do poema camoniano.

Ele começaria da seguinte maneira:

As armas e os vilões assinalados
sob força duma elite lusitana
os eternos direitos violados
desde a oriental praia americana
enfrentando os perigos que criaram
sem respeito ao valor da raça humana
e nas alheias terras edificaram
uma força que sempre sublimaram

(Melo, 2004, p. 23).

Figuras 21 e 22 – O gênio Camões e O gênio de Camões.

O GÊNIO CAMÕES

Gonçalo Ferreira da Silva



GONÇALO FERREIRA DA SILVA



Fonte: Silva ([19--]; 2006).

O gênio Camões (Fig. 21, Cordeloteca C3689), de Gonçalo Ferreira da Silva, apresenta na primeira edição o retrato de autoria desconhecida da primeira metade do século XVII e, numa posterior, *O gênio de Camões* (Fig. 22), o conhecido retrato de autoria de Fernão Gomes. Longe de uma biografia, temos uma variação do tema “Camões confronta o rei”.

Figura 23 – Vida, sofrimento e morte do Poeta Luís Vaz de Camões.

Vida, sofrimento e morte do Poeta
Luís Vaz de Camões



Edição do GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA DA BAHIA

Fonte: Cavalcante ([19--]).

O cordel *Vida sofrimento e morte do Poeta Luís Vaz de Camões* (Cordelteca C1260, Fig. 23), de Rodolfo Coelho Cavalcante, foi editado pelo Real Gabinete Português de Leitura da Bahia e não apresenta indicação de data. É importante notar que a capa em desenho representa Camões soldado, algo que não acontece em nenhum dos outros, nem nos textos.

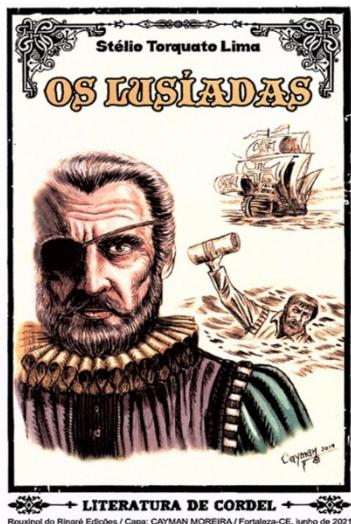
Figura 24 – Castro Alves e Camões: dois gênios da poesia universal.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Em *Castro Alves e Camões: dois gênios da poesia universal* (Fig. 24), também de Rodolfo Cavalcante, publicado em 1984, a xilogravura lembra o retrato anônimo do século XVII.

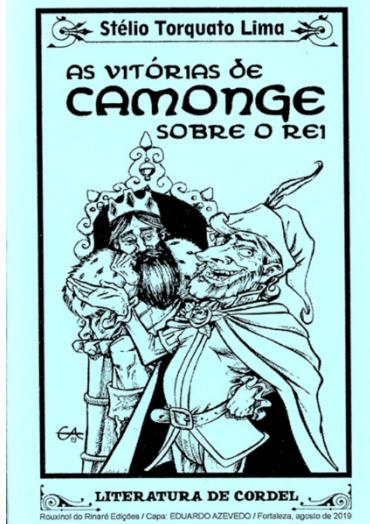
É escusado dizer que, nesses últimos dois títulos, a referência se justifica por não se tratar do Camões assimilado, mas do Camões histórico. Não é o caso de *Luís de Camões na terra de Pindorama* ou *O gênio Camões* – folhetos que parecem “dissimilar” apenas um pouco a figura popular no sentido da história, mas permanecem com o personagem.

Figura 25 – *Os Lusíadas*.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

Quero ainda falar da adaptação de *Os Lusíadas* (2021) de autoria de Stélio Torquato Lima (Fig. 25). O autor é professor da Universidade Federal do Ceará e deu à estampa centenas de cordéis, especialmente adaptações. É curioso notar a relação entre a imagem e o conteúdo textual. Ao vê-lo na capa talvez mal nos demos conta da elipse, da ausência do nome de Camões nela, habituados que estamos à imediata associação entre o poeta e o poema. Com esse “não nos darmos conta”, além disso, concorre o desenho: vemos o poeta, em vestes de época, com um tapa-olho; vemo-lo, no segundo plano, salvar a nado um rolo em que possivelmente se encontra o poema; e, finalmente, apenas ao fundo, visualizamos uma nau com a Cruz da Ordem de Cristo nas velas pandas – metonímia para a ação do poema.

Figura 26 – *As vitórias de Camonge sobre o Rei.*



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Por fim, vale aqui trazer o folheto *As vitórias de Camonge sobre o Rei* (Fig. 26), também de autoria de Stélio Lima, publicado em 2019, com desenho na capa. Quem será este personagem, o Camonge? Logo veremos como o autor faz sua apresentação. À primeira vista, o folheto pertenceria ao conjunto dos iniciais, que trazem uma figura inespecífica em perfeita consonância com o caráter genérico da personagem Camões, reduzido a mais um *trickster* popular. A capa lembra a cromolitogravura de Rafael Bordalo Pinheiro, “O Trinca-Fortes” do *Álbum das Glórias* (1880). O título, apenas confirmando essa impressão inicial, é ainda o eco da relação entre esse personagem e a autoridade régia. Entretanto, o folheto inicia da seguinte maneira:

João Grilo, Cancão de Fogo,
Chicó, Pedro Malazarte...
São todos amarelinhos
Cheios de engenho e arte
Oriundos de bem longe,
Como o genial Camonge,
Da astúcia, um estandarte.
De Camões e de Bocage,
Poetas de Portugal,
Boêmios e aventureiros,
Cada um mais genial,
Dizem que é combinação.
Não creio estar com a razão
Quem defende ideia tal.

(Lima, 2019, p. 5).

“Amarelo” é uma caracterização comum aos personagens elencados. Salientar o nome como combinação afasta o personagem fictício do histórico. O texto segue apresentando situações típicas que comprovam os predicados iniciais. Um bom exemplo é a primeira: um criador de cavalos pede a Camonge conselhos sobre com quem deve se casar – se uma prostituta, uma viúva ou uma jovem –, ao que ele lhe responde utilizando cavalos como metáfora. Como figura popular, o *trickster* também é apresentado como amigo do povo e inimigo das autoridades, que é onde se estabelece o grosso da narrativa – suas vitórias sobre o Rei, de resto as mesmas que encontradas no primeiro cordel.

O texto não justifica por que razão Camonge não é contração de Camões com Bocage, embora Bocage, como *en passant* mencionamos, tenha também sua pequena figuração *trickster* na literatura de

cordel. Essa hipótese é de Gilberto Mendonça Teles (1979, p. 300)⁹. Quanto ao cordel, é notável que ambos capa e nome optem de modo consciencioso pela dissimilação do personagem no sentido da figura popular. Quanto ao nome, posso oferecer um argumento linguístico ligado à oralidade, com base em evidências anedotais, que recolhi de comentários de leitores a páginas de internet: sendo indistintas as piadas que se contam dessas figuras, Camões e Camonge, o segundo parece ser uma corruptela do primeiro, com a attenuação do ditongo e a sonorização da sibilante pós-alveolar, /sh/ > /jê/ (ʃ > ʒ). Talvez isso faça parte da popularização da personagem de Camões através do cordel.

Para concluir, gostaria de sumarizar os processos que vemos: a) o destacamento do personagem Camões da figura histórica do poeta, observável nas estampas; b) a (concorrente) assimilação de Camões a outros personagens do tipo *trickster*; c) a atualização dessa figura através de sua “pervivência” intertextual, como acontece a personagens-tipo; d) o refinamento da relação entre o personagem e o Camões histórico, quer visual quer verbalmente, sem que haja propriamente dissimilação; e) a referencialização histórica com propósitos

⁹ O personagem de *As piadas do Bocage* (de Antônio Teodoro dos Santos), de possível publicação posterior, é o mesmo que o de *As perguntas do Rei e as respostas de Camões*. Já Camonge aparece em *Encontro de Patativa do Assaré com a alma de Zé Limeira o poeta do absurdo*, de autoria de Patativa do Assaré, e em *O cordel em cordel*, de Medeiros Braga, sem ser desenvolvido como personagem. É central em *A resposta de Camonge para o rei*, de 1978, narrativa em prosa publicada em formato de cordel, de autoria de Maria de Lourdes Alves da Silva, e que é basicamente uma versão do primeiro folheto. Fala ainda Teles em um “Cambonge”, mas o único registro que encontramos (no cordel *História do Boi Mandingueiro e o Cavalo Misterioso*, de José Bernardo da Silva, sem data, Cordeleteca Co428) não constrói relação com o personagem do tipo *trickster* ou com o Camões histórico. “Cambonge” é talvez grafia alternativa de “cambonje”, que designa uma das espécies de aves americanas conhecidas como saracuras.

específicos. Essas são tendências que podemos observar ao considerarmos a relação compósita entre os textos e as capas dos folhetos, que produzem ainda outros Camões além daqueles conhecidos no meio acadêmico.

Lista de folhetos nos acervos

As perguntas do Rei e as respostas de Camões (Cordeloteca C2298), de Cirilo de Oliveira.

Camões (Ciberteca 5898), de Dila Soares.

Camões e o Rei Mágico (Cordeloteca C0094), de Dila Soares.

O encontro de Camões com o Cancão de Fogo (Cordeloteca C2512), de Dila Soares.

O Encontro de Pedro Malazarte com João Grilo e Camões (Ciberteca 8095), de José Costa Leite, 2002.

As proezas de Camões (Acervo de obras raras da UEPB, AA7037), de Apolônio Alves dos Santos.

O casamento de Camões com a filha do Rei (Cordeloteca C2163), de José Costa Leite, 1981.

As piadas de Camões (Ciberteca 8226), de José Costa Leite.

Camões e o rei (imagem disponível em linha), de Geraldo de Alencar, 2003.

As palhaçadas de Camões botando chifre no rei (Cordeloteca 2849), de José Costa Leite.

A volta de Camões e novas perguntas do Rei (Cordeloteca C5356), de Luiz Alves da Silva.

As astúcias de Camões (Cordeloteca C1546), de Arlindo Pinto de Sousa, 1950.

O grande debate de Camões com um sábio (Cordeloteca C2626), de Arlindo Pinto de Sousa, 1979.

O Debate de Camões com São Saruê (Ciberteca 8050), José Costa Leite.

O grande encontro de Camões com Salomão (Cordelteca C5265) de Rouxinol do Rinaré e Serra Azul, 2002.

O papagaio que fez até Camões de otário (Cordelteca C6790), de Mestre Zé Barbosa.

Luís de Camões na terra de Pindorama (Cordelteca C4338), de João Batista Melo, 2004.

O gênio Camões (Cordelteca C3689), de Gonçalo Ferreira da Silva.

Vida sofrimento e morte do Poeta Luís Vaz de Camões (Cordelteca C1260), de Rodolfo Coelho Cavalcante.

Castro Alves e Camões: dois gênios da poesia universal (imagem disponível em linha), de Rodolfo Coelho Cavalcante, 1984.

Os Lusíadas (acervo pessoal), de Stélio Torquato Lima, 2021.

As vitórias de Camonge sobre o Rei (acervo pessoal), de Stélio Machado, 2019.

O filho de Camões, de José Soares, código AA2775. (Aqui não apresentado.)

O desafio de Camões com Bocage, de João Batista Serra (Recife - PE: 2007), código MS0242. (Aqui não apresentado.)

RECEBIDO: 14/09/2025

APROVADO: 23/09/2025

REFERÊNCIAS

BARATA, José Oliveira. Cordel - I. In: BERNARDES, José Augusto Cardoso (org.). *BIBLOS. Encyclopédia VERBO das Literaturas de Língua Portuguesa*. Lisboa: Verbo, 2002. v. 1, p. 1281-1292.

BARBOSA, Mestre Zé. *O papagaio que fez até Camões de otário*. 2008. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/93826>. Acesso em: 14 out. 2025.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Vida, sofrimento e morte do Poeta Luís Vaz de Camões*. [19--]. Capa. Disponível em: <https://app.docvirt.com/cordelfcrb/pageid/52030>. Acesso em: 14 out. 2025.

LEITE, José Costa. *As palhaçadas de Camões botando chifre no rei*. [19--]. Capa. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20>

de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/53970. Acesso em: 11 out. 2025.

LEITE, José Costa. *As piadas de Camões*. [200-]. Capa. Disponível em: <http://www.cibertecadecordel.com.br/detalhe.php?id=8226>. Acesso em: 11 out. 2025.

LEITE, José Costa. *O casamento de Camões com a filha do Rei*. 1981. Capa. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/35250>. Acesso em: 11 out. 2025.

LEITE, José Costa. *O encontro de Pedro Malazarte com João Grilo e Camões*. ago. 2002. Capa. Disponível em: <https://www.cibertecadecordel.com.br/detalhe.php?id=8095>. Acesso em: 11 out. 2025.

LIMA, Stélio. *As vitórias de Camonge sobre o Rei*. Fortaleza: Rouxino 1 do Rinaré Edições, 2019.

MELO, João Batista. *Luís de Camões na terra de Pindorama*. Niterói: Edição Quatro Cores, 2004. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/69810>. Acesso em: 25 set. 2025.

OLIVEIRA, Cirilo. As perguntas do Rei e as respostas de Camões. [19--]. Capa. In: POETA Severino Gonçalves de Oliveira - Capas dos folhetos. *Memórias da poesia popular*, Vale do Paraíba, 28 abr. 2018. Disponível em: <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/2018/04/28/poeta-severino-goncalves-de-oliveira-capas-dos-folhetos/>. Acesso em: 10 out. 2025.

OLIVEIRA, Cirilo. *As perguntas do Rei e as respostas de Camões*. [S. l.]: Ed. Prop. João José da Silva, [19--a]. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/36765>. Acesso em: 10 out. 2025.

OLIVEIRA, Cirilo. *As perguntas do Rei e as respostas de Camões*. 2012. Capa. In: CHAVES, Frutuoso. De Camões a Camonge. *Carlos Romero - Ambiente de leitura*, [S. l.], jun. 2024. Disponível em: <https://www.carlosromero.com.br/2024/06/de-camoes-camonge.html>. Acesso em: 10 out. 2025.

SANTOS, Aplônio Alves. *As proezas de Camões*. [19--]. Capa. In: LA LEGGENDA di Lampião. *Prìncipi & Princípi*, [S. l.], 6 dez. 2011. Disponível em: <https://principieprincipi.blogspot.com/2011/12/la-leggenda-di-lampiao.html>. Acesso em: 10 out. 2025.

SILVA, Gonçalo Ferreira. *O gênio Camões*. [19--]. Capa. Disponível em: <https://app.docvirt.com/cordelfcrb/pageid/44422>. Acesso em: 14 out. 2025.

SILVA, Gonçalo Ferreira. *O gênio de Camões*. 2006. Capa. Disponível em: <https://app.docvirt.com/cordelfcrb/pageid/44432>. Acesso em: 14 out. 2025.

SILVA, Luiz Alves da. A volta de Camões e novas perguntas do Rei. [200-]. Capa. In: LUIZCORDELISTA. A volta de Camões e novas perguntas do Rei. *Cordel e poesia*, [S. l.], 9 dez. 2006. Disponível em: <https://luizcordelistablogspot.com/2006/12/volta-de-cames-e-novas-perguntas-do-rei.html>. Acesso em: 13 out. 2025.

SILVA, Luiz Alves da. A volta de Camões e novas perguntas do Rei. 2007. Capa. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%C7176/80585>. Acesso em: 13 out. 2025.

SOARES, Dila. *Camões*. [19--a]. Capa. Disponível em: <https://www.cibertecadecordel.com.br/detalhe.php?id=5898>. Acesso em: 10 out. 2025.

SOARES, Dila. *Camões e o Rei Mágico*. [19--b]. Capa. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%C7176/1599>. Acesso em: 10 out. 2025.

SOARES, Dila. *O encontro de Camões com o Cancão de Fogo*. [19--c]. Capa. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%C7176/39157>. Acesso em: 11 out. 2025.

SOUZA, Arlindo Pinto de. *As astúcias de Camões*. 1950. Capa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qOmrqUY-Jmo>. Acesso em: 13 out. 2025.

SOUZA, Arlindo Pinto de. *O grande debate de Camões com um sábio*. 1979. Capa. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%C7176/40212>. Acesso em: 13 out. 2025.

TELES, Gilberto Mendonça. *Camões e a Poesia Brasileira*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

ACERVOS

Acervo de Literatura de Cordel da Fundação Casa de Rui Barbosa. Disponível em: <https://app.docvirt.com/cordelfcrb/>. Acesso em: 06 out. 2025

Acervo Maria Alice Amorim (**Ciberteca**). Disponível em: <http://www.cibertecadecordel.com.br/>. Acesso em: 04 out. 2023

Cordelteca do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Disponível em: http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Secao=65. Acesso em: 25 set. 2025.

MINICURRÍCULO

MATHEUS DE BRITO é Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Licenciado (2011) e Doutor (2017) pela Universidade de Coimbra, é membro do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos (2011-presente). Fez pesquisa pós-doutoral na Unicamp (projeto FAPESP “O *ethos* do dissídio na lírica camoniana”, 2017-2020), tendo se dedicado às questões camonianas de um ponto de vista teórico e historiográfico.